



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

JOSIANE DE SOUZA ALVES

**O TERRITÓRIO, A CULTURA E A PAISAGEM COMO ELEMENTOS DA
DINÂMICA DA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE MARI-PB**

GUARABIRA - PB

2022

JOSIANE DE SOUZA ALVES

**O TERRITÓRIO, A CULTURA E A PAISAGEM COMO ELEMENTOS DA
DINÂMICA DA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE MARI-PB**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Coordenação /Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima

Área de concentração: Poder local e organização do espaço.

GUARABIRA - PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474t Alves, Josiane de Souza.

O território, a cultura e a paisagem como elementos da dinâmica da feira livre [manuscrito] : uma análise no município de Mari-PB / Josiane de Souza Alves. - 2022.

41 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Feira livre. 2. Território. 3. Cultura. 4. Paisagem. I. Título

21. ed. CDD 394.6

JOSIANE DE SOUZA ALVES

O TERRITÓRIO, A CULTURA E A PAISAGEM COMO ELEMENTOS DA
DINÂMICA DA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE MARI-PB

Aprovada em: 18 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof.ª Me. Maria Aletheia Stedile Belizário
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Profa. Me. Elton Oliveira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, que sempre foi meu maior exemplo de coragem, força, sabedoria, simplicidade, pelo apoio e incentivo incondicional, DEDICO.

“A Geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre homens e entre estes e a natureza.” (Roberto Lobato Corrêa).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I –	Mapa da Paraíba com a localização do Município de Mari	12
Figura II –	Meninos do frete, incumbidos da entrega das mercadorias adquiridas na feira.....	20
Figura III –	Jarambada: popularmente conhecida por trocar e/ou vender produtos novos e seminovos.....	22
Figura IV –	A Jarambada e as trocas de objetos e vivências.....	22
Figura V –	Banco de frutas: exposição dos produtos para que os consumidores possam escolher.....	24
Figura VI –	Momento de aplicação dos questionários no banco de temperos e produtos naturais.....	25
Figura VII –	Banco de Temperos e Produtos Naturais.....	25

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I – Frequência relativa dos comerciantes, em função de idade.....	27
Gráfico II – Frequência relativa dos comerciantes, em função do sexo.....	27
Gráfico III - Frequência relativa dos comerciantes, em função da escolaridade..	28
Gráfico IV - Frequência relativa dos comerciantes, em função de residência.....	28
Gráfico V - Frequência relativa dos comerciantes residentes em Mari.....	29
Gráfico VI - Frequência relativa dos comerciantes, em função de tempo de participação.....	29
Gráfico VII - Frequência relativa dos comerciantes, em função de idade.....	30
Gráfico VIII - Frequência relativa dos fregueses, em função do sexo.....	30
Gráfico IX - Frequência relativa dos fregueses, em função da escolaridade.....	31
Gráfico X - Frequência relativa dos fregueses, em função de residência.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	14
2.1 ORIGENS, DESENVOLVIMENTO E CARACTERIZAÇÃO	14
2.2 AS PAISAGENS E AS TERRITORIALIDADES DA FEIRA LIVRE	17
2.3 A JARAMBADA, FEIRA DA TROCA/VENDA OU FEIRA NOTURNA, BREVES DISCUSSÕES	21
3 MATERIAIS E MÉTODOS	23
3.1 LOCAL DE ESTUDO	24
3.2 COLETA DE DADOS	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FEIRANTES	37
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CONSUMIDORES	38
AGRADECIMENTOS	40

ALVES, Josiane de Souza. **O TERRITÓRIO, A CULTURA E A PAISAGEM COMO ELEMENTOS DA DINÂMICA DA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE MARI-PB.** Artigo (graduação) – Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, Guarabira/PB, 2022.

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima (orientador)
Prof^a. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário (examinadora)
Prof. Me. Elton Oliveira da Silva (examinador)

O TERRITÓRIO, A CULTURA E A PAISAGEM COMO ELEMENTOS DA DINÂMICA DA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE MARI-PB

Josiane de Souza Alves*

RESUMO

A cultura pode ser entendida como símbolo das construções humanas sobre determinado território, nesse sentido, é possível entender a feira livre como um símbolo cultural, dado que sua construção está intrinsecamente ligada à facilidade do ser humano em fabricar/trocar objetos. Atualmente, as feiras livres vêm se diversificando cada vez mais para acompanhar a modernidade e não terem findas as suas atividades. O município de Mari-PB, conhecido antes por Araçá, se insere no contexto de cidade interiorana, com poucos habitantes e comércio relativamente pequeno, com atividades econômicas voltadas para o comércio informal, ou seja, a feira livre. As paisagens culturais encontradas nas feiras livres possuem suas características e singularidades, assim, os indivíduos ali inseridos expressam seus traços e identidades nesses lugares proporcionando a todo o espaço urbano circundante uma transformação, de modo a criar elementos identitários que representam símbolos de apropriação sobre dado território. A feira enquanto território formatado como lugar de balbúrdia, trabalho informal, sazonalidade, tradição popular interiorana, submissão ou subalternidade, encontra diversas dificuldades para manter suas atividades, uma vez que por estar em desacordo com as tendências econômicas e culturais mundiais torna-se um território esquecido, em muitos casos, desprezado pelos consumidores que encontram na facilidade dos supermercados, os mesmo produtos e, pelas políticas públicas que não enxergam valor nas atividades comerciais estabelecidas neste território, sob a ótica do capitalismo. Partindo desses pressupostos, o trabalho buscou compreender a relação entre o território, a cultura e a paisagem enquanto elementos presentes na feira livre do município de Mari-PB. Diante das pesquisas e inserção no território da feira livre foi possível constatar a importância de se analisar a feira enquanto território de trocas comerciais, afetivas e de poder, sua paisagem em crescente e inevitável mutação ou redução, além dos horários de maior circulação de pessoas, dos diversos

* Alves, Josiane de Souza. Graduada pela Universidade Estadual da Paraíba, julho de 2022. E-mail: josih2020.js@gmail.com.

segmentos, das características territoriais e paisagísticas e as práticas de trabalho infantil de crianças e adolescentes, seja nos bancos ajudando os familiares ou no frete. Todos esses aspectos demonstram como são desenvolvidas as dinâmicas e a formatação da feira livre.

Palavras-chave: Feira livre; Território; Cultura; Paisagem

THE TERRITORY, CULTURE AND LANDSCAPE AS ELEMENTS OF THE DYNAMICS OF THE STREET MARKET: NA ANALYSIS IN THE MUNICIPALITY OF MARI-PB

ABSTRACT

Culture can be understood as a symbol of human constructions on a given territory, in this sense, it is possible to understand the open market as a cultural symbol, given that its construction is intrinsically linked to the ease of human beings to manufacture/exchange objects. Currently, street markets are increasingly diversifying to keep up with modernity and not have their activities come to an end. The municipality of Mari-PB, previously known as Araçá, is part of the context of an inland city, with few inhabitants and relatively small commerce, with economic activities focused on informal commerce, that is, the free fair. The cultural landscapes found in street markets have their characteristics and singularities, so the individuals inserted there express their traits and identities in these places providing the entire surrounding urban space with a transformation, in order to create identity elements that represent symbols of appropriation over a given territory. The fair as a territory formatted as a place of turmoil, informal work, seasonality, popular interior tradition, submission or subordination, finds several difficulties to maintain its activities, since because it is at odds with global economic and cultural trends it becomes a forgotten territory, in many cases, despised by consumers who find in the ease of supermarkets, the same products and by public policies that do not see value in the commercial activities established in this territory, from the perspective of capitalism. Based on these assumptions, the work sought to understand the relationship between culture, landscape, and territory, as elements present in the open market in the municipality of Mari-PB. In view of the research and insertion in the territory of the free fair, it was possible to verify the importance of analyzing the fair as a territory of commercial, affective and power exchanges, its landscape in increasing and inevitable mutation or reduction, in addition to the times of greater circulation of people, of the different segments, the territorial and landscape characteristics and the child labor practices of children and adolescents, whether in the banks helping family members or in freight. All these aspects demonstrate how the dynamics and formatting of the free fair are developed.

Key words: Street Market; Territory; Culture; Landscape

1 INTRODUÇÃO

A cultura pode ser entendida como símbolo das construções humanas sobre determinado território (BERNARDINO, 2010). Nesse sentido, podemos tratar a feira livre como um símbolo cultural, dado que sua formação está intrinsecamente ligada à facilidade do ser humano em fabricar e trocar objetos. Para Sauer apud Caetano e Bezzi (2013), os grupos culturais se relacionam entre si, bem como com o lugar ao qual estão inseridos, dessa forma, são impressas marcas na paisagem, às quais se prolongam no tempo criando signos culturais de determinados grupos particularmente ligados à região que estão inseridos.

Essas particularidades é que constituem os elementos identitários da paisagem, ou seja, os mecanismos culturais. Assim, Santos (1996) afirma que a cultura diz respeito à humanidade como um todo, mas não deixa de possuir particularidades em diferentes povos, nações, sociedades e grupos humanos. Todas as realidades culturais possuem suas lógicas internas e para que façam sentido as práticas, costumes e concepções de determinados grupos, deve-se buscar conhecer suas origens e as transformações sofridas nos longos processos de construção, desconstrução e reconstrução da paisagem.

A feira livre, como elemento cultural e objeto de análise, é constituída por uma série de símbolos, de significados, impressos na paisagem através da cultura das sociedades circundantes (BERNARDINO, 2010). Fazendo retomada ao seu surgimento, Almeida (2009) discorre que é atribuída à idade média a oficialização das feiras, em Roma, precisamente, foram estabelecidas. Neste mesmo período, as regras de criação e funcionamento eram desenvolvidas por parte do Estado, que atuava como disciplinador, fiscalizador e cobrador de impostos. Aproximando ao contexto atual, fica evidente que no Brasil, as feiras livres estão presentes desde os tempos de colonização e resistem até os dias atuais em inúmeras cidades interioranas, apesar da chamada modernização ou globalização.

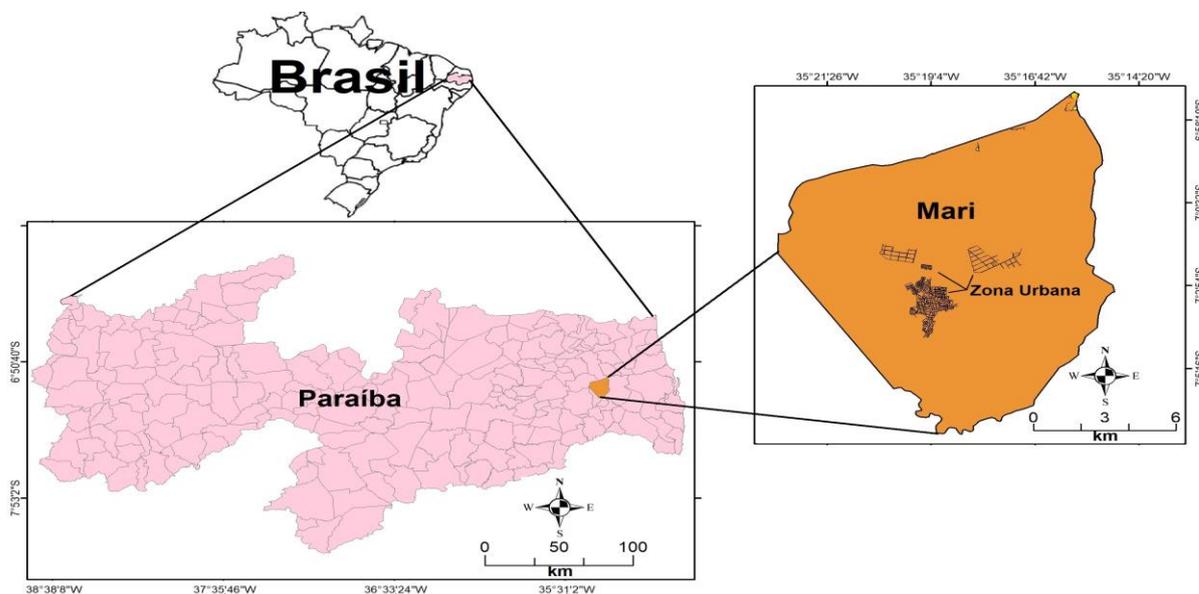
Para Braudel (1998) apud Almeida (2009) a origem das feiras tem como principal causa à formação de excedentes de produção. Dessa forma, ocorre a necessidade das trocas ou vendas dessas mercadorias para as áreas circunvizinhas. Uma coisa leva a outra e com tamanha demanda, as pessoas tiveram necessidade de um ambiente onde pudessem expor/agregar as mercadorias excedentes para facilitar o comércio de troca ou venda.

Hoje, as feiras vêm se diversificando cada vez mais para acompanhar a modernidade social e não terem findas suas atividades. Assim, segundo Almeida (2009) pode-se notar a presença de diversos produtos, desde os mais sofisticados aos mais acessíveis às camadas mais populares. Além da diversidade dos excedentes, podemos mencionar as inúmeras feiras voltadas principalmente ao grande comércio, a exemplo da feira de Santana no Estado da Bahia e a feira de Caruaru no Estado de Pernambuco, duas das mais famosas da região Nordeste. A cerca da feira de Caruaru, Silva (2021) discorre:

[...] uma das maiores feiras do Brasil, cujas origens remetem aos primeiros tempos de ocupação da região, constituindo-se um polo de preservação da identidade e de resistências culturais. Os primórdios da feira de Caruaru remetem ao século XVIII, quando boiadeiros, tropeiros e mascates que percorriam o Estado de Pernambuco e pernoitavam na Fazenda Caruaru impulsionaram o surgimento de um comércio de itens e serviços ligados ao gado, o que viria a se transformar na feira (SILVA, 2021, p. 28).

O município de Mari, conhecido antes por Araçá, localizado na região geográfica imediata de João Pessoa, na região intermediária de João Pessoa, e ainda, na região imediata de Sapé, possui 21.176 mil habitantes, segundo o censo demográfico de 2010. Abaixo podemos observar o mapa do Estado da Paraíba com a localização cartográfica do município de Mari.

Figura 1 – Mapa da Paraíba com a localização do município de Mari.



Fonte: AESA (2022), IBGE (2022).

Elaboração: Ivanildo C. Silva.

Inserido no contexto de cidade interiorana, com poucos habitantes e comércio relativamente pequeno, o município conta com diferentes formas de manter sua economia, uma delas é a feira livre. Assim como em diversas cidades nordestinas, a feira livre na cidade de Mari-PB foi criada para venda e troca dos excedentes de produção da agricultura familiar; acontecendo uma vez por semana, ao ar livre e desenvolvendo atividades econômicas, sociais e culturais.

O espaço da feira em Mari é importante para o fornecimento de alimentos, bem como para a geração de empregos, visto que, não necessita de mão de obra qualificada, pois, possui em suas raízes à informalidade. Outro aspecto relevante são as relações sociais desenvolvidas localmente, já que a feira também se apresenta como espaço de relações sociais.

Atualmente com a crescente concorrência dos supermercados que vêm se instalando nas pequenas cidades, as feiras livres vêm perdendo parte do seu público, o que acarreta em sua diminuição. No entanto, as peculiaridades da feira livre, fazem com que estes espaços não percam sua importância, tanto para o comerciante quanto para o consumidor. Sales, Rezende e Sette (2011), afirmam que:

Algumas peculiaridades fazem das feiras livres um ambiente de comercialização singular, que atrai milhares de consumidores até os dias de hoje. Dentre elas, a oferta de produtos diferenciados (produzidos de maneira quase artesanal e em pequena escala) e as relações de amizade e confiança estabelecidas entre vendedores e compradores ao longo do tradicional ato de "fazer a feira" (SALES, REZENDE, SETTE, 2011, p. 2).

Dessa forma, a feira livre ainda persiste, pois, além da diversidade de produtos, existem as relações afetivas das pessoas com o espaço da feira bem como com os comerciantes. Essas relações sociais que acontecem no âmbito da feira são entendidas quando percebemos que as pessoas não vão à feira apenas para comprar produtos necessários à sua subsistência, mas para rever parentes e amigos. Sem dúvidas a feira é um espaço de trocas populares e tradicionais, que vem resistindo aos tempos globalizados. Desse modo, identificar as origens da feira livre contribui para compreender sua importância e resistência.

É partindo desses pressupostos que iremos analisar como a cultura, a paisagem e o território interagem como elementos da dinâmica da feira livre no município de Mari-PB. Desse modo, será abordado suas principais características, a importância econômica para o município bem como seus traços culturais e afetivos

para os sujeitos ativos nela inseridos, ou seja, comerciantes e fregueses.

Por conseguinte, esta pesquisa se justifica pela vontade pessoal de entender o espaço da feira, enquanto espaço de trocas, de socialização, de identidades regionais, e culturais, bem como pela importância da mesma para o município, uma vez que, exerce influência na escolha dos consumidores que procuram seguir suas tradições culturais. A feira é um importante centro de distribuição de alimentos saudáveis, além de ser fonte de renda de inúmeras famílias do município como também de cidades vizinhas.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 ORIGENS, DESENVOLVIMENTO E CARACTERIZAÇÃO

As feiras livres existem em diversos lugares do mundo, estando presente na história de diversas sociedades, desde as mais “bárbaras” até as mais sofisticadas, adaptando-se às populações circundantes e adquirindo/criando tradições que tornam a feira espaço de trocas não meramente comerciais, mas afetivas e culturais. A esse respeito, Tuan (1980) trabalha em sua obra, denominada Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, com esse conceito topofílico, acerca do sentimento de afetividade, pertencimento e familiaridade. Para ele:

A palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Esses diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. (...) a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 1980, p. 135).

A origem da feira é incerta, visto que, alguns autores atribuem suas atividades a 500 a.c. e outros só relacionam tal prática à idade média. A palavra feira deriva do latim da palavra “*feria*” que significa dia santo ou feriado. Segundo Guimarães (2010):

Esses eventos têm origem na Europa durante à Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. Quando os camponeses não conseguiam vender nos mercados a produção excedente, trocavam por outros produtos nas ruas a um preço mais baixo. Com isso, as trocas comerciais realizadas nos centros urbanos possibilitaram a padronização dos meios de troca e incentivaram a criação de uma estrutura bancária. (GUIMARÃES, 2010, p.2).

De acordo com o dicionário online de Português, atualmente, a feira livre pode ser entendida como local onde se faz mercado, mercado público em dias ou épocas fixas em lugar determinado; em contraponto, a feira pode ser caracterizada como lugar de balbúrdia, confusão, já que nesse espaço, muitas vezes impera, a poluição sonora, visual e ambiental.

No Brasil, a tradição da feira foi inserida pela cultura ibérica, trazida pelos portugueses, no período colonial, por volta dos séculos XV e XVI, período em que a expansão marítima ganhou força. De acordo com Silva (2021):

[...] Há registros de regimentos ordenando a criação de feiras semanais na América Portuguesa. Nesse sentido, a primeira referência de feira no Brasil data de 1548, quando o rei Dom João III ordenou: “que nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários. (SILVA, 2021, p.28).

Santos, citado por Cunha afirma que:

[...] A partir desse momento, as feiras foram se multiplicando pelo território. Além do importante papel no fornecimento de alimentos para suprir as necessidades do homem, a feira livre foi um elemento fundamental para a estruturação e organização socioeconômica das populações (CUNHA, 2014, p.13).

Partindo para o nosso objeto de análise, Cunha (2014) menciona que o povoado Araçá surgiu com a chegada da rede ferroviária em 1883, o que ficou conhecido como marco de desenvolvimento do lugar. A estação ferroviária era o centro do povoado e com o grande número de pessoas que circulavam pelas proximidades, começaram a surgir os primeiros comerciantes. Cunha, relata ainda que:

No ano de 1941 foi construída a Igreja Católica Sagrado Coração de Jesus próxima à estação e à feira. O povoado já estava bem crescido em relação à agricultura, produzindo mandioca, algodão e tabaco, que posteriormente eram comercializados na feira. Principalmente o fumo, que chegou a ser exportado, foi de grande destaque para o desenvolvimento econômico da área (CUNHA, 2014, p.8).

A partir de então, nos entornos da linha férrea, os feirantes foram se instalando gradativamente e estrategicamente, visto que, o local era ponto de embarque e desembarque de pessoas. Posteriormente, no dia 19 de setembro de 1958, através do Decreto Estadual nº 1862 ocorreu a separação de Araçá do município de Sapé, surgindo o município de Mari, totalmente estabelecido, com comércio voltado para os produtos agrícolas.

Cunha (2014) aborda que a feira livre acompanhou o processo de

crescimento e desenvolvimento do município, sendo o principal comércio varejista até os dias atuais. Não diferente dos outros municípios, a feira analisada é caracterizada por instalações provisórias e dias determinados.

Como mencionado anteriormente, a agricultura é uma das principais atividades econômicas do local, e a feira é o espaço para comercializar as mercadorias advindas desse processo. As feiras e mercados especializados em hortifrutigranjeiros são os canais de maior escoamento e distribuição de mercadorias por parte dos produtores. As razões para os consumidores preferirem a feira aos mercados tradicionais são inúmeras, a exemplo da busca por alimentos frescos e cultivados sem uso ou com uso reduzido de defensivos agrícolas; benefícios de uma dieta rica em hortaliças; aumento da demanda por frutas, legumes e vegetais de boa qualidade (ZAMBIRA; TRIGUEIRO; PEREIRA, 2014).

Além das atividades comerciais presentes no contexto analisado, existem aquelas que permitem a longevidade da feira, pois, estão enraizadas em aspectos culturais. A socialização, interação e o reencontro, permitem que a feira livre seja território de trocas, sejam elas comerciais ou afetivas. Tuan ao trabalhar com o sentimento de afeição dos seres humanos para com o meio ao qual estão inseridos, discorre que a familiaridade entre ambos pode gerar afeição ou mesmo desprezo. Analisando as relações culturais ocorridas no espaço da feira livre e fazendo uma comparação aos pertences de uma pessoa, pode-se afirmar que esses pertences são a extensão de sua personalidade, ou seja, sem eles, os valores/a identidade de uma pessoa é diminuída (TUAN, 1980).

Numa segunda perspectiva, não menos importante e com uma visão não antagônica, Cunha menciona que:

A feira livre é formada por teias de relações que configuram um conjunto diversificado de ocupações, fluxos de pessoas e mercadorias. Caracteriza-se, principalmente, por ser uma atividade essencialmente familiar, ou seja, os produtos agrícolas que são comercializados, quase sempre, são provenientes da agricultura familiar, como também, as pessoas que estão envolvidas nos diferentes trabalhos geralmente são membros da família, o que contribui para o fortalecimento da agricultura familiar (CUNHA, 2014, p.13).

Na citação acima, pode-se observar que uma das características da feira livre remontasse ao contexto da agricultura familiar, proveniente do modo de vida camponês, visto que, se trata também de um modo de produção fundamentado na identidade cultural da produção agrícola familiar. A partir dessa visão, observa-se a

caracterização da identidade como um conjunto de especificidades e traços próprios de cada indivíduo ou mesmo de uma comunidade, sabendo que essas características se prolongam no tempo, mas não são imutáveis, ou seja, mesmo que essas características sejam longevas, elas podem sofrer mudanças ou extinção. Castells (2022) disserta que:

A identidade camponesa é construída respeitando a historicidade, tradição e costumes desse ator social chamado camponês. Essa identidade pode ser percebida como a fonte de significado e experiência de um povo. No que diz respeito a atores sociais, entende-se por identidade o processo de construção de significados com base em um atributo cultural. Para um determinado indivíduo ou um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 2022, p. 22).

Dessa forma, é de suma importância para a caracterização da formatação ou dinâmica da feira livre entender os sujeitos ativos, seus traços culturais, signos e tudo aquilo que modifica a paisagem e o território, inserindo, criando e modificando esses espaços.

2.2 AS PAISAGENS E AS TERRITORIALIDADES DA FEIRA LIVRE

As paisagens culturais encontradas nas feiras livres possuem suas características e singularidades, assim, os indivíduos ali inseridos expressam seus traços e identidades nesses lugares proporcionando a todo o espaço urbano circundante uma transformação, de modo a criar elementos identitários que representam símbolos de apropriação sobre dado território. Wagner e Mikesell (2003) apud Costa e Gastal (2010) tratam a paisagem cultural enquanto um produto concreto e característico da interação entre uma determinada comunidade humana, que abrange certas preferências e potenciais culturais, ou seja, a paisagem cultural é apresentada enquanto sistema, de modo que não pode ser expressa pela consideração das partes componentes separadamente.

Neste contexto, pode-se citar como exemplos de apropriação territorial ou paisagem cultural as imagens transmitidas pela organização dos bancos¹ de diferentes segmentos comerciais, os variados cheiros que percorrem este ambiente, as diferentes maneiras de sentir esses locais, as lembranças.

Será abordado aqui o conceito de território em seu sentido cultural, ou no

¹ De acordo com a linguagem conotativa, banco, banca, bancada, barraca é o local onde ficam expostos os produtos para que os consumidores possam escolher.

sentido de denominar as relações de poder no contexto das relações sociais existentes, entre feirantes e clientes. É evidente que os conceitos sobre território são diversos, no entanto, aqui, será dado ênfase àquele que trata o território enquanto produto de apropriação do imaginário ou identidade social sobre o espaço. Para Raffestin (1993), as territorialidades:

Adquirem um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais, os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

De acordo com o autor supracitado, o território ou as territorialidades possuem valor singular, pois estão vinculadas à esfera do “vivido” pelos grupos sociais, ou seja, estão intimamente ligadas a forma como as pessoas utilizam a terra ou como elas se organizam nesses espaços, criando seus signos. Ainda, é possível fazer a leitura de que a apropriação do território possui limites, os quais são concretizados e/ou expressos nas relações de poder, de modo que, não há relação sem poder.

Haesbaert (2007) discorre que:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2007, p.20)

Dado aqui as relações de poder, sugerimos as discussões sobre as territorialidades da feira, nesse sentido, a feira torna-se setor hegemônico e assim como não existe relação sem poder, não existe dominante sem dominado.

Haesbaert (2007) corrobora com esse entendimento:

Podemos então afirmar que o território, imerso em relações de dominação elou de apropriação sociedade-espaço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'. (HAESBAERT, 2007, p.21)

Compreendendo-a enquanto setor hegemônico, sabe-se que a feira livre não pode ser descaracterizada, e apesar de mudanças, não perde sua essência.

Na feira livre de Mari-PB, o que se observa é que a maioria dos feirantes é constituída por uma população excluída do sistema de trabalho formal, não por sua

vontade, mas, agarrados pelo desemprego. Em contraponto com aqueles que possuem lojas e expõem seus produtos nos bancos da feira com vistas apenas à lucratividade utilizando mão de obra daqueles excluídos do trabalho formal; estes se resumem à minoria presente no contexto discutido; nessa relação é possível identificar o dominante e o dominado.

De forma não pejorativa é possível caracterizar o hegemônico e o subalterno, de acordo com Barbero:

Nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim, como a mera recusa não é de resistência (...) nem tudo que vem 'de cima' são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são as da dominação (BARBERO, 2003, p.119).

A feira enquanto território formatado como lugar de balbúrdia, trabalho informal, sazonalidade, tradição popular interiorana, submissão ou subalternidade, encontra diversas dificuldades para manter suas atividades, uma vez que por estar em desacordo com as tendências econômicas e culturais mundiais torna-se um território esquecido, em muitos casos, desprezado pelos consumidores que encontram na facilidade dos supermercados, os mesmo produtos e, pelas políticas públicas que não enxergam valor nas atividades comerciais estabelecidas neste território, sob a ótica do capitalismo.

Analisando de maneira ativa, ou seja, inserindo-se no espaço cultural da feira foi possível observar que por volta de 5:30 da manhã já se tem grande fluxo de pessoas que cresce constantemente e atinge seu ápice entre 7:30 e 9:00 horas da manhã; também foi possível observar a ausência de desperdício e descartes irregulares; organização dos setores, a saber: hortifruti, açougue, frigorífico, pescado, vestuário, calçados, utensílios domésticos, galpão de grãos e farinha, além das lanchonetes móveis.

Além dos horários de maior circulação de pessoas e dos diversos segmentos foi possível observar a prática do trabalho infantil de crianças e adolescentes seja nos bancos ajudando os familiares ou no frete. De acordo com o Art.2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990), "Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade" (BRASIL, 1990).

Sabe-se que na maioria dos casos não há denúncias de exploração infantil devido ao fato de crianças e adolescentes precisarem garantir seu próprio sustento ou da família ou mesmo pelo sentimento de medo. Silva e Martins (2019) destacam:

Pelas feiras livres da cidade paraibana, reúnem-se crianças, idosos e jovens pelos corredores a céu abertos em um ambiente muitas vezes descontraído. O clima familiar vai parar do outro lado do balcão, onde avós, pais e filhos trabalham juntos para o sustento de todos e que de tão leve, essa simpatia do momento até mesmo no atendimento do cliente acaba deixando o trabalho infantil passar quase despercebido. (SILVA; MARTINS, 2019, p.7).

Durante o trabalho de campo foi observado que a maioria das crianças e adolescentes trabalham no frete, levando as compras dos clientes até seus carros ou mesmo até suas casas, independente da distância, para obter valores entre 10 e 20 reais, o que demonstra que além da prática ilegal do trabalho ainda acarreta na violação da dignidade da pessoa humana, direito fundamental e basilar da Constituição Federal, previsto no Art.1º, inciso III, CF.

Figura II – Meninos do frete, incumbidos da entrega das mercadorias adquiridas na feira.



Fonte: Imagens da autora 2022.

Barsotti afirma que:

A estrutura familiar e social também pode ser apontada como fatores determinantes no ingresso de uma criança ou adolescente no trabalho infantil, assim como as políticas sociais básicas, a saúde, a escola, o lazer, o estado e a sociedade são fatores que interferem neste contexto. (BARSOTTI, 2018, p.38).

A prática do trabalho infantil é, nesse sentido, consequência de uma série de problemáticas, tais como: pobreza, baixa escolaridade dos pais, falta de fiscalização, mão de obra barata, má qualidade da educação, etc.

2.3 A JARAMBADA, FEIRA DA TROCA/VENDA OU FEIRA NOTURNA, BREVES DISCUSSÕES

A Jarambada², feira da troca/venda, feira do rolo ou mesmo feira noturna como é popularmente conhecida, acontece no pátio da feira livre no município analisado todas as noites da semana há cerca de 50 anos. Dentre os produtos comercializados os mais trocados/vendidos são celulares, bicicletas, relógios, caixas de som, ou seja, a Jarambada tem atividades comerciais voltadas, principalmente, para o setor de eletrônicos.

O nome é dado por que tudo aquilo que você já tinha usado, um rádio usado, uma bicicleta usada, relógio usado, tudo aquilo que já tinha sido usado você levava pra lá pra feira de jarambada e negociava, trocando um objeto por outro objeto usado, aí surgiu o nome jarambada. Aqui foi botado o nome feira da troca que é a jarambada né. Lá se falava “vamo jambar”, aí o pessoal vinha pra fazer a jarambada e passar o tempo.” (DEPOIMENTO ORAL DE JOÃO BATISTA MEIRELES – COMERCIANTE – 3 JUNHO DE 2022).

Durante a análise de campo foram colhidas informações com relação a quantidade de pessoas que participam dessa atividade, onde podemos notar a crescente redução ao passo que atualmente participam em média 60 pessoas e em anos posteriores esse número era o dobro. Essa redução é justificada pela falta de poder aquisitivo por parte das pessoas inseridas, neste contexto, pelo crescente número de doenças que se alastram em escala global, a exemplo da Covid-19, sabendo que os sujeitos ativos destas práticas são pessoas com idades iguais e superiores a 45 anos.

Ainda levando em consideração a rápida redução de frequentadores da Jarambada foi observado que os poucos participantes preservam essas reuniões devido aos aspectos culturais, ou seja, ainda se agrupam todas as noites no mesmo local para manter os laços de amizade e mesmo pelo sentimento de pertencimento para com aquele espaço.

Abaixo, podemos observar o primeiro horário da Jarambada, onde o fluxo de pessoas é baixo principalmente devido as chuvas intensas ocorridas no período

²Jarambada ou jambar para os sujeitos praticantes desse tipo de comércio, ou seja, para quem detém o lugar de fala, significa negociar.

observado.

Figura III – Jarambada: popularmente conhecida por trocar e/ou vender produtos novos e seminovos



Fonte: Imagens da autora 2022.

Figura IV – A Jarambada e as trocas de objetos e vivências



Fonte: Imagens da autora 2022.

Nas imagens acima é possível perceber que o público da Jarambada é predominantemente masculino, com idades mínimas de 45 anos, sendo totalmente familiarizados com o ambiente ao qual estão vinculados como é observado em suas vestimentas, postura descontraída e conversas. Ao serem questionados sobre a sua permanência, mesmo diante de cenários tão alarmantes como crises econômicas, pandemia e o alto preço de compra dos produtos, eles responderam “mesmo que a gente venha e não consiga trocar nada, é bom sair de casa e encontrar com os amigos, jogar conversa fora e ouvir música, lembrando de antigamente e mantendo viva a tradição.” (Depoimento oral de João Batista Meireles, comerciante, 2022))

Luvizotto (2010) aborda que tradição é:

Como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro (LUVIZOTTO, 2010 p. 65).

Nesse sentido, esses sujeitos estão deixando seus registros, suas características, nesses espaços, permitindo as futuras gerações conhecerem e

praticarem as mesmas atividades, no mesmo local, ainda que estas sejam apenas trocas de conversas e vivências.

Santos apud Sabino e Simões sobre rugosidades:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2012, p.140).

Assim, essas marcas ou registros podem ser entendidas, de acordo com o autor supracitado, enquanto rugosidades, ou seja, feições construídas num tempo remoto que perduram no tempo presente.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho teve como objetivo entender como a cultura, a paisagem e o território influenciam na dinâmica da feira livre em Mari/PB. Para tanto, foi necessário analisar a organização da feira. Nesta perspectiva, foram evidenciados os sujeitos participantes desse contexto e a relevância de suas atividades para a constituição desse espaço.

Esta pesquisa se utilizou da abordagem qualitativa, buscando priorizar os conceitos. A metodologia terá como base a experiência, ou seja, terá pauta no empirismo.

O projeto empirista, considerado de modo genérico, consiste em fundar a validade e a objetividade de qualquer conhecimento sobre o mundo, de qualquer conhecimento de *questões de fato*, na *experiência*, a qual se apresenta como uma base sólida, cuja legitimidade estaria fora de questão. É justamente a “adequação” das teorias à experiência que garantiria que representam, não qualquer mundo possível, mas o mundo de “nossa experiência” em particular (CARVALHO, 2009, p.2).

As técnicas foram pautadas em fontes bibliográficas e documentais, tendo como objetivo descrever as origens, importância e contribuições da feira livre para o município em análise. Além da consulta em fontes bibliográficas foram propostos questionários, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos, para melhor elucidar a preferência da feira livre em detrimento dos supermercados, como também análise de campo, observando de forma ativa o espaço da feira livre, com intuito de inserção no contexto analisado para verificação das estruturas organizacionais da feira livre.

3.1 LOCAL DE ESTUDO

A feira livre no município observado acontece semanalmente, aos sábados, em local previamente estabelecido a saber: pátio da feira ou mercado livre. A partir dos métodos de observação e análise, foram colhidas informações dos padrões socioeconômicos dos sujeitos participantes, da estrutura e organização dos bancos de acordo com os diferentes segmentos comerciais, da questão de descartes irregulares e desperdícios e dos horários com maior circulação de pessoas.

Considerando a Geografia municipal, a feira livre encontra-se localizada em um lugar estratégico, ou seja, num ponto onde fica próximo a todos os bairros e entradas da cidade, para que facilite a chegada dos fregueses bem como dos comerciantes advindos de outras cidades. Com aproximadamente 350 bancos divididos por tipo de produto e 3 galpões a saber: 1 para grãos, 1 para carnes e 1 para farinhas, a feira livre ainda é preferência dos cidadãos marienses para compra de produtos, seja pelo critério de economia ou pelo critério cultural.

3.2 COLETA DE DADOS

As informações que fomentaram essa pesquisa foram coletadas por meio de entrevistas diretas. Oportunamente, foram aplicados questionários semiestruturados e padronizados para os sujeitos ativos inseridos no contexto da feira livre, ou seja, comerciantes e fregueses.

Figura V – Banco de frutas: exposição dos produtos para que os consumidores possam escolher



Fonte: Imagens da autora 2022.

Durante a observação ativa e análise de campo, no período de 29 de Maio a 5 de Junho de 2022, foram aplicados um total de 12 questionários que inicialmente tiveram como foco os sujeitos praticantes de atividades comerciais, sendo divididos por tipo de produto e correspondendo a cerca de 50% do total. Esses questionários englobavam questões relacionadas a idade, sexo, escolaridade, recebimento de renda governamental tais como aposentadoria, auxílio Brasil, município, área de residência, frequência, tempo de participação, segmento de atuação, relação com os fregueses, principal concorrente, fator mais atrativo da feira e estrutura higiênico-sanitária.

Abaixo, podemos verificar o momento de aplicação do questionário no banco de temperos e produtos naturais bem como a representação cartográfica e cultural da realidade paisagística da feira livre, ou seja, todos os elementos que a compõe, tais como os bancos de madeira, muitas vezes cobertos por lonas, as bandeiras utilizadas como enfeites ou símbolos do período junino, a feirante de chinelo nos pés, característica derivada do trabalho informal.

Figura VI – Momento de aplicação dos questionários no banco de temperos e produtos naturais



Fonte: Imagens da autora 2022.

Figura VII – Banco de temperos e produtos naturais



Fonte: Imagens da autora 2022.

Ainda neste período, foram aplicados questionários para os clientes, com vistas a traçar o perfil socioeconômico e preferência pelo comércio livre. Na ocasião foram entrevistadas 15 pessoas, desde o primeiro horário até o de maior fluxo de pessoas, sabendo que não é possível abarcar a totalidade devido o número médio de pessoas que frequentam a feira municipal ser desconhecido e impreciso, nesse sentido, foi priorizado o máximo possível de entrevistas.

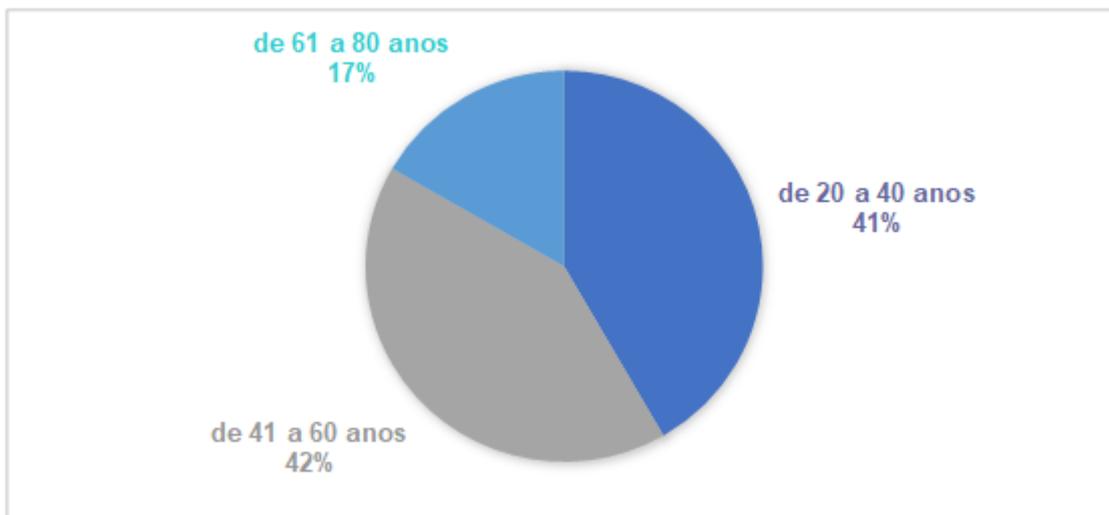
Os questionários para aqueles que “fazem a feira” continham perguntas acerca da idade, sexo, escolaridade, recebimento de renda governamental, área de residência, frequência, motivo de participação, meio de transporte utilizado para chegar até a feira, quais produtos costuma comprar, gasto médio por compra, fator preço e estrutura higiênico-sanitária. Após a coleta dos dados foi constituída uma base de dados que produziu informações. Esses dados foram tabulados na planilha do Microsoft Excel e posteriormente traduzidos em gráficos de valores percentuais, com vistas a facilitar a análise e compreensão dos leitores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As pesquisas, análises realizadas acerca dos sujeitos ativos presentes na feira livre, a saber: comerciantes e fregueses, são imprescindíveis para a compreensão dos padrões socioeconômicos, socioculturais desses indivíduos, uma vez que eles estão inseridos nas questões de apropriação territorial, cultural e paisagísticas. Dessa forma, essas informações podem ser verificadas nos gráficos abaixo.

De acordo com a informações coletadas, podemos observar que dentre as pessoas que prestam atividades comerciais as idades variam desde 20 até 80 anos de idade, sendo 41% entre 20 e 40 anos; 42% entre 41 e 60 anos e 17% entre 61 e 80 anos. Esses dados nos revelam que pessoas que não fazem parte do grupo dos aposentados e que não fazem parte do grupo dos assalariados praticam atividades informais como meio de garantir alguma renda para sua subsistência. Essas informações podem ser refletidas no gráfico abaixo:

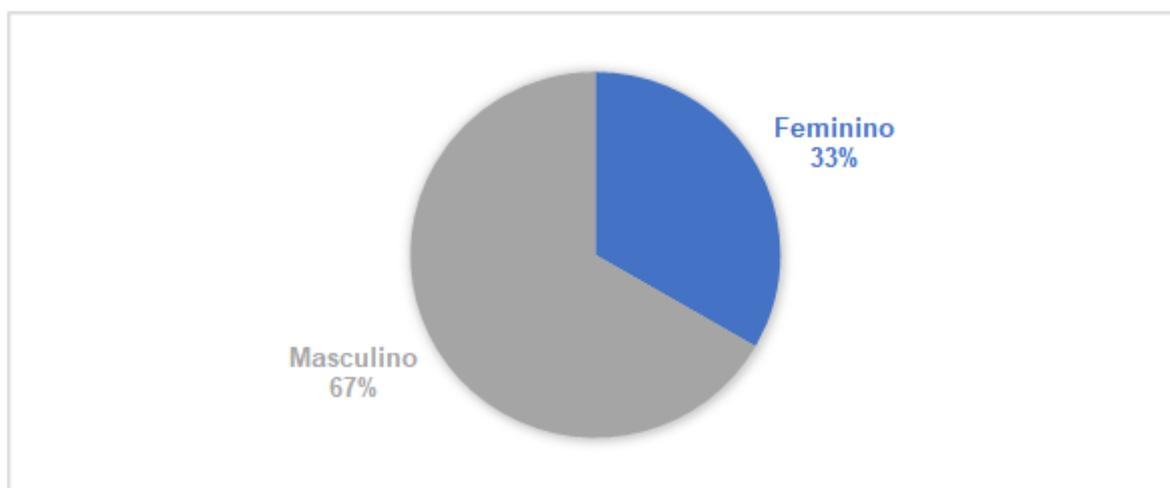
Gráfico I – Frequência relativa (%) dos comerciantes, em função de idade.



Fonte: Elaborado pela autora.

Acerca da distribuição por sexo, o gráfico apresenta que a participação de comerciantes do sexo feminino equivale a 33% enquanto que os feirantes do sexo masculino representam 67%. Várias são as causas para este fenômeno, dentre elas podemos citar o contexto de criação das atividades comerciais, momento no qual o patriarcado era dominante, a escolaridade também é questão relevante para essa discrepância, dado que no Brasil o grau de instrução das mulheres em relação aos homens é maior, de acordo com dados do IBGE.

Gráfico II – Frequência relativa (%) dos comerciantes, em função do sexo.

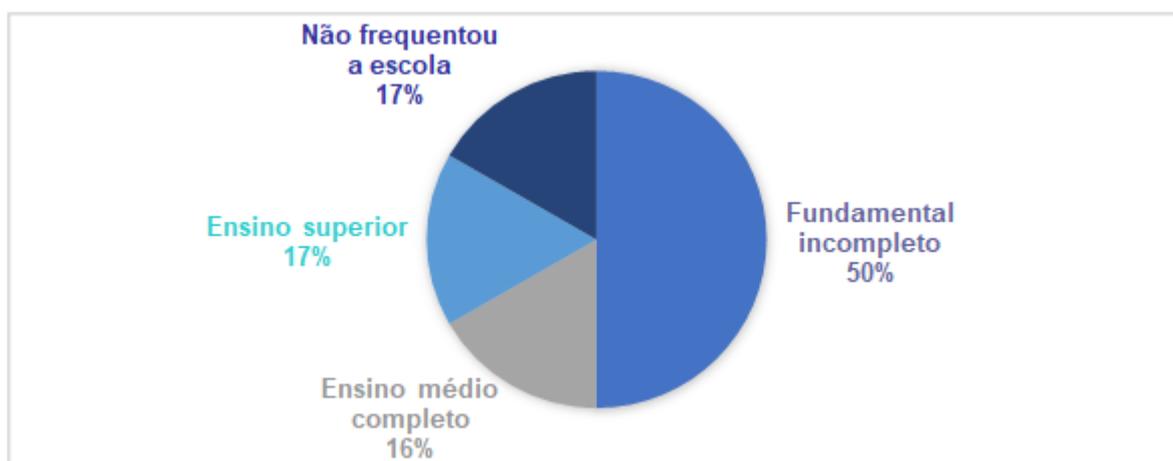


Fonte: Elaborado pela autora.

Paralelamente ao que foi analisado pelo gráfico II, é possível observar no

gráfico III que de todo o público entrevistado apenas 17% declararam nunca ter frequentado a escola, enquanto que 50% declarou não ter concluído o ensino fundamental, 16% declarou ter concluído o ensino médio e 17% declarou conclusão de curso superior. Apesar da maior parte dos entrevistados terem declarado algum grau de escolaridade, foi observado que 50% declarou não ter concluído o ensino fundamental, nesse sentido é possível entender que esse grupo fez parte de uma geração que enfrentou dificuldades de acesso ao ensino.

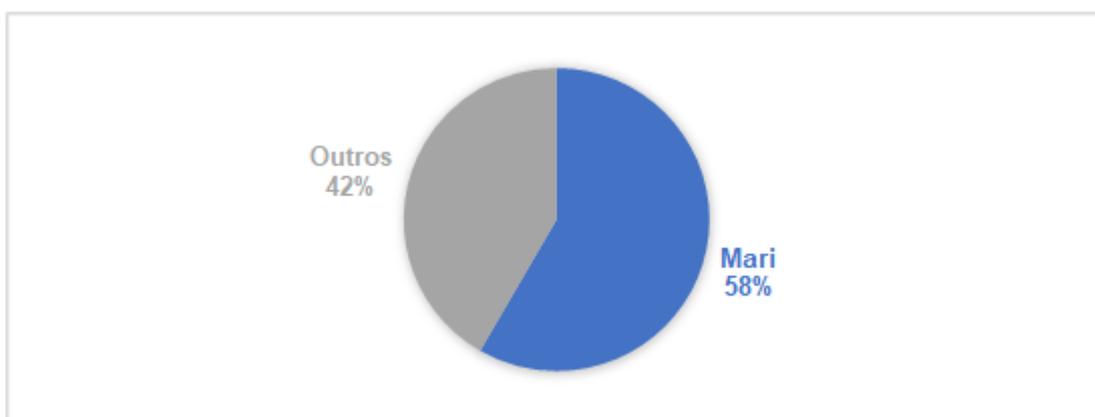
Gráfico III - Frequência relativa (%) dos comerciantes, em função da escolaridade.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre a residência, foi possível observar que mais da metade dos feirantes (58%) residem do município, seja na área urbana ou na área rural, enquanto que os outros 42% correspondem a comerciantes advindos de outros municípios. Segue o gráfico abaixo:

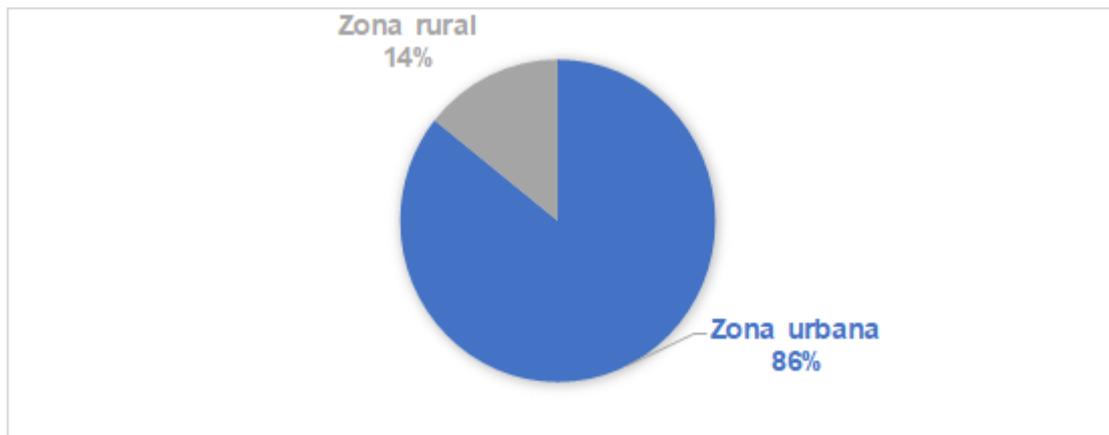
Gráfico IV - Frequência relativa (%) dos comerciantes, em função de residência.



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos dados sobre residência foi possível verificar a frequência de comerciantes da zona urbana e zona rural, respectivamente 86% e 14%.

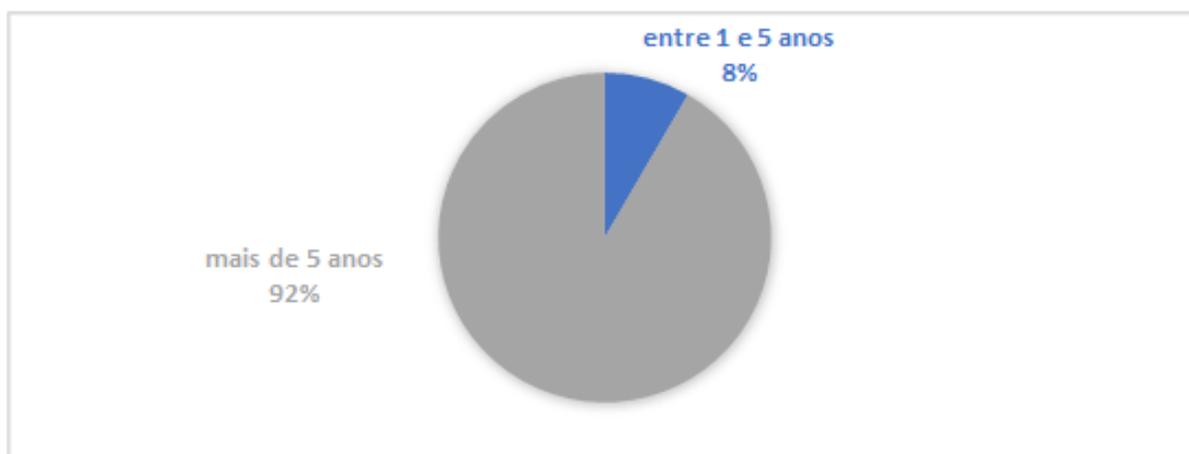
Gráfico V – Frequência relativa (%) dos comerciantes residentes em Mari.



Fonte: Elaborado pela autora.

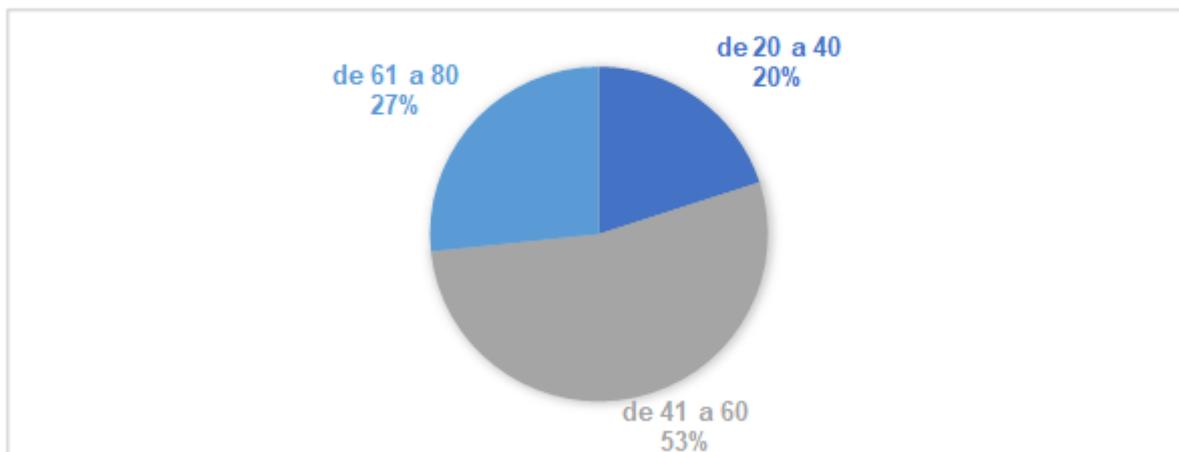
Conforme o gráfico VI, que traz informações acerca do tempo de participação nas atividades comerciais da feira, é observado que 92% dos feirantes já participam a mais de 5 anos, enquanto que apenas 8% participam entre 1 e 5 anos. Nesse sentido é possível entender as atividades feirantes enquanto tradição cultural, de modo que, são repassadas de pai para filho, de geração em geração.

Gráfico VI – Frequência relativa (%) dos comerciantes, em função de tempo de participação.



Fonte: Elaborado pela autora.

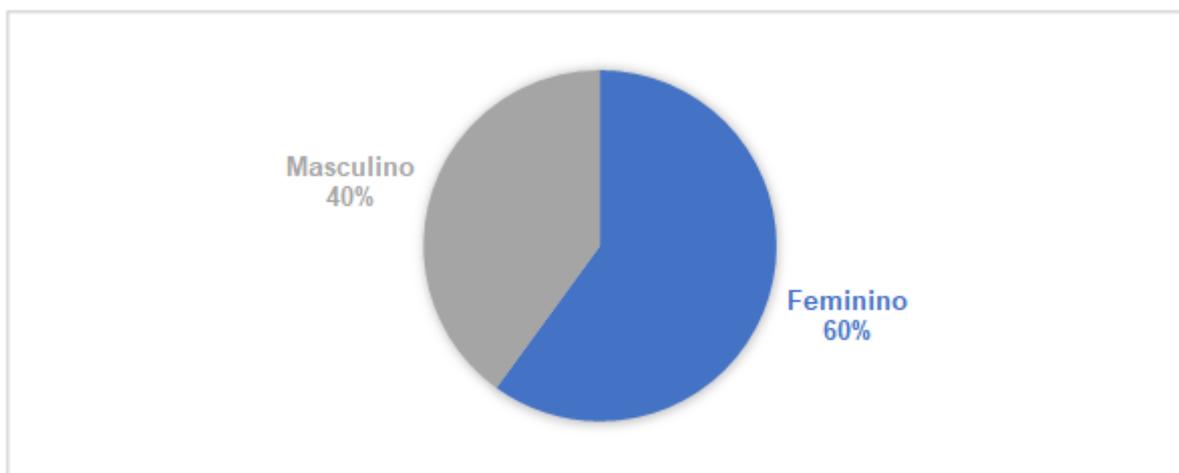
Após a aplicação dos questionários para os feirantes, foram colhidos os questionários daqueles que fazem a feira, ou seja, os fregueses. No que concerne à idade, foi observado que o público de 20 a 40 anos representam 20%, de 41 a 60 anos representam 53% e de 61 a 80 anos somam 27%. Observe o gráfico:

Gráfico VII - Frequência relativa (%) dos fregueses, em função de idade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses dados demonstram que a população mais jovem está cada vez mais perdendo os costumes socioculturais, enquanto que a população mais idosa ainda preserva sua identidade cultural.

Do ponto de vista da distribuição por sexo, as mulheres somam 60% do público presente na feira enquanto que os homens representam 40%, conforme indicado no gráfico VIII. Assim como na análise do perfil dos feirantes essa diferença se dá principalmente pelo contexto em que as atividades comerciais da feira foram criadas, ou seja, momento em que as mulheres exerciam as atividades domésticas e os homens se ocupavam com o comércio.

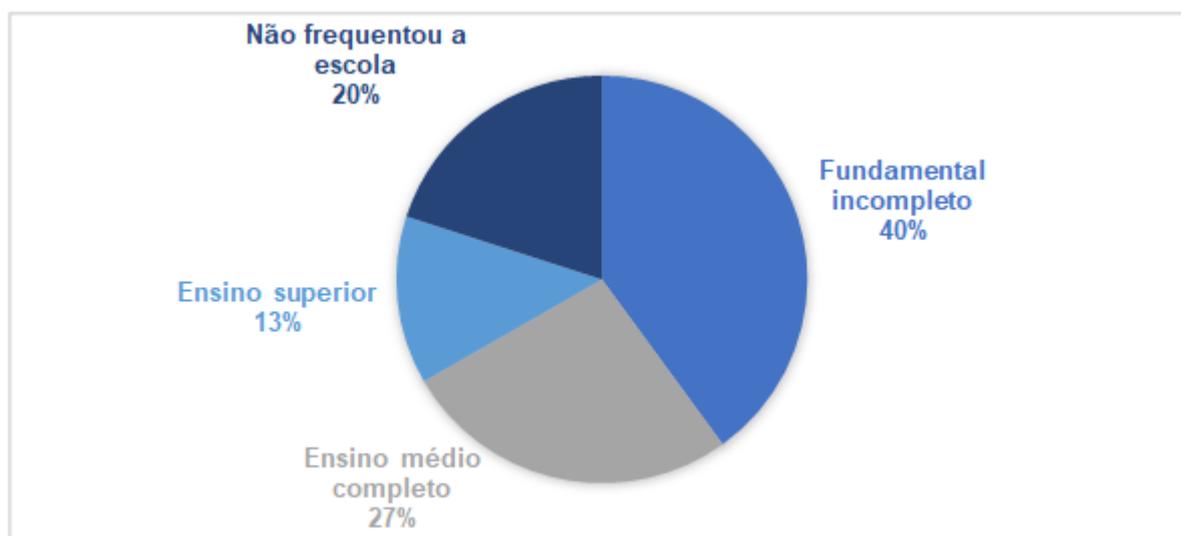
Gráfico VIII – Frequência relativa (%) dos fregueses, em função do sexo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados sobre escolaridade estão intrinsecamente ligados à idade, pois,

como demonstrado no gráfico VII o público consumidor da feira livre possui entre 41 e 60 anos. No período em que essas pessoas deveriam ter sido alfabetizadas a educação não era tão acessível ou elas tinham de optar entre estudos e trabalho.

Gráfico IX – Frequência relativa (%) dos fregueses, em função da escolaridade.

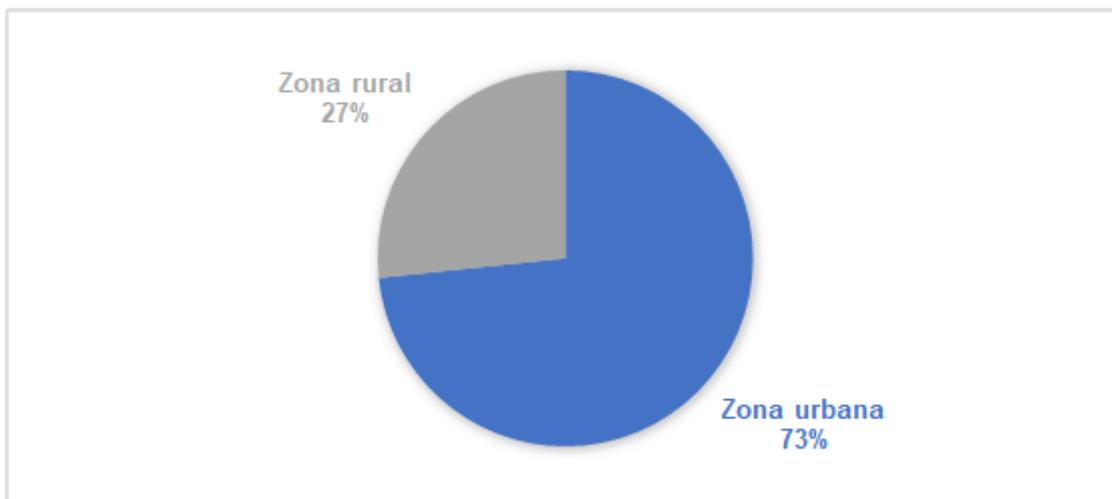


Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico representa em percentual as taxas que variam entre fundamental incompleto, ensino médio completo, ensino superior e não frequentou a escola, onde as maiores taxas são de pessoas que não concluíram o ensino fundamental (40%) e daquelas que conseguiram concluir o ensino médio (27%).

A frequência relativa de fregueses em função de residência demonstra que atualmente a maior parte dos compradores são da área urbana da cidade com uma representatividade expressiva quando comparados aos fregueses residentes na área rural, respectivamente 73% e 27%. Esses dados podem ser analisados sob duas perspectivas, a de que os fregueses da área rural estão trocando as atividades desenvolvidas na feira livre em dias estabelecidos pela facilidade encontrada nos supermercados que tem horário de funcionamento mais abrangente; ou pela ótica de que o acesso a meios de transporte por parte deste público é prejudicado pela falta de tal serviço ou mesmo pela falta de investimentos em transportes públicos.

Gráfico X – Frequência relativa (%) dos fregueses, em função de residência.



Fonte: Elaborado pela autora.

Por conseguinte, várias são as causas que desencadeiam esse resultado, uma delas é o fato de os fregueses rurais encontrarem, na facilidade dos supermercados, os mesmos produtos disponíveis na feira livre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários são os aspectos que devem ser considerados para se fazer a formatação, configuração ou dinâmica da feira livre. Aqui, foram mencionados os comerciantes e fregueses e seus respectivos padrões socioeconômicos, as práticas de trabalho infantil e suas consequências, a Jarambada ou feira da troca/rolo como uma extensão da feira livre, a localização do município, como se estabelecem suas relações de poder e apropriação do território, os signos na paisagem e como a multiculturalidade é perpassada de geração em geração sendo elevada ao status de tradição.

A dinâmica da feira livre é diversa, plural e apesar de ser símbolo cultural, de permitir o reencontro de amigos e familiares, o aumento da urbanização que acarreta no crescimento dos supermercados, que por sua vez impactam diretamente na estrutura feirante, de modo que reproduzem sua estética com a comercialização de produtos presentes na feira livre, acaba gerando medo e insegurança aos comerciantes. Dessa forma, a feira livre encontra dificuldades para manter suas atividades.

Apesar de todos os obstáculos encontrados pela feira livre para manter suas práticas, é imprescindível que suas atividades sejam preservadas, seja pelo fator de economia, produtos menos danosos à saúde, por suas peculiaridades e principalmente por que ela faz parte da nossa identidade sociocultural e seus valores não podem ser perdidos ou esquecidos em virtude da avassaladora globalização.

Por conseguinte, a feira livre vem sofrendo reduções, mas suas características históricas, culturais e sociais demonstram que suas atividades são de suma importância para os grupos inseridos em seu contexto. A feira livre em Mari-PB acontece todos os sábados, desde sua criação, sendo observada como a atividade comercial mais significativa do município, além de exercer muita influência na escolha dos consumidores que optam por seguir as tradições e costumes populares bem como pela economia e comercialização de produtos de melhor qualidade, ou seja, com uso reduzido de defensivos agrícolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros-MG**. Montes Claros: 2009.

BARSOTTI, Luciana Simões. **Trabalho infantil no Brasil: a inocência roubada**. Araçatuba, SP, 2018.

BERNARDINO, Sharlene da Silva. **Cultura, Paisagem e Território da Feira Camponesa: Uma Análise no Município de Jacaraú**. Guarabira: UEPB, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos de trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v.2.

CAETANO, Jessica Nene; BEZZI, Meri Lourdes. **Reflexões na Geografia Cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura**. Uberlândia, 2011.

CARMO, Paulo Sérgio do. **A ideologia do trabalho**. São Paulo, Editora: Moderna, 1992.

CARVALHO, Marcelo. Empirismo e objetividade: considerações sobre o conceito de experiência e a crítica de Popper ao positivismo. **Revista Páginas de Filosofia**. V.1, n.1, jan-jul/2009.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. **Paisagem Cultural: Diálogos entre o natural e o Cultural**. Caxias do Sul: UCS, 2010.

CUNHA, Jeyselle Gonçalves. **A feira livre no município de Mari-PB: Uma análise histórica, geográfica e socioeconômica**. Guarabira: UEPB, 2014.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. São Paulo: USP, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: Um debate**. GEOgraphia, V.9, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 02 de junho de 2022.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. Available from SciELO Books.

NAGEL, Bernard, et al. **Os bastidores de uma feira livre: Consumidores e feirantes falam sobre o velho hábito de ir à feira**. Eclética, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo, SP: Ática, 1993.

SABINO, Anderson. SIMÕES, Robson. Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidade de Milton Santos. **Revista de arqueologia pública**. Campinas, n.8, p.174-188, dez, 2013.

SALES, Aline Pereira; REZENDE, Liviane Tourino; SETTE, Ricardo de Souza. **Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais**. EnGPR: João Pessoa, 2011.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. 16 ed. Brasiliense: São Paulo, 1996.

SATO, Leny. **“A feira livre: organização, trabalho e sociabilidade”**. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Aghata Christie Alves da. MARTINS, Lucilene Solano de Freitas. **Trabalho infantil em feiras livres da cidade de João Pessoa-PB**. João Pessoa, PB, 2019.

SILVA, Charlene Aparecida. **Territorialidade e paisagem da feira livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais: lugar, memórias e identidade (1967-2019)**. Viçosa, MG, 2021.

SOUZA, Dalyson Henriques Barros; DANTAS, José Carlos; MATIAS, Thyago Barbosa de Oliveira; MOREIRA, Emilia. **Feira livre e cultura popular: espaço de resistência ou de subalternidade?**. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória, ES, 10 a 16 de Ago. 2014.

TUAN, Yi-Fu, **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 1980.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FEIRANTES

Aplicado em:

1) Idade:

2) Sexo: F() M()

3) Frequentou a escola?

Sim() Não() Estudou até que série?

4) Aposentado:

Sim() Não()

5) Recebe auxílio do governo?

Sim() Não() Qual?

6) Em qual município você mora?

Mari() outros()

Onde se localiza? Zona urbana() Zona rural()

7) A quanto tempo você participa da feira?

Entre um e 5 anos() mais de cinco anos, quantos?()

8) Vem à feira toda semana?

Sim() Não()

9) Quais produtos o Sr(a) costuma vender?

10) O(a) senhor(a) que produz os produtos que traz para vender?

Sim () Não ()

11) Como é sua relação com os fregueses?

Ruim() Regular() Boa() Ótima()

12) Qual o seu principal concorrente?

Os supermercados() Os intermediários() Os frigoríficos() As frutarias()
Outros feirantes() Não tem concorrentes()

13) Dentre estes, qual o que mais lhe atrai na feira?

Manifestações culturais() Economia() Movimentação e circulação de pessoas
e mercadorias() Produtos() Todos os itens anteriores()

14) O que você acha da estrutura higiênico-sanitária da feira?

Ruim() Regular() Boa() Ótima()

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CONSUMIDORES

Aplicado em:

1) Idade:

2) Sexo: F() M()

3) Frequentou a escola?

Sim() Não() Estudou até que série?

4) Aposentado:

Sim() Não()

5) Recebe auxílio do governo?

Sim() Não() Qual?

6) Em qual município você mora?

Mari() outros()

Onde se localiza? Zona urbana() Zona rural()

7) Você trabalha

Sim() Não()

8) Vem à feira toda semana?

Sim() Não()

9) Você utiliza algum meio de transporte para ir à feira?

Sim() Não() Qual?

10) Quais produtos o(a) Sr(a) costuma comprar?

Frutas, verduras e legumes() Utensílios domésticos()

Roupas e calçados() Frango e carne()

Grãos e farinhas() Outros()

Todos()

11) Quanto gasta em média por compra?

12) O que acha dos preços da feira?

Ruim() Regular() Bom() Ótimo()

13) O(a) Sr(a) compra esses produtos somente na feira?

Sim() Não()

Onde compra?

14) Por que compra na feira?

15) Você compra sempre no mesmo comerciante?

Sim() Não()

16) O que você acha do atendimento da feira?

Ruim() Regular() Bom() Ótimo()

17) O que você acha da estrutura higiênico-sanitária da feira?

Ruim() Regular() Bom() Ótimo()

AGRADECIMENTOS

Eu sempre quis ser diplomada, pendurar na parede de casa em um grande quadro o registro dessa conquista. Hoje, com a benção de Deus, eu consegui realizar esse sonho de criança, nesse sentido, agradeço à Deus em primeiro lugar, pois foi Ele quem me guiou e me permitiu concluir essa maravilhosa etapa da vida.

Aos meus queridos familiares Iolanda, Amanda, Juliana, Luis Carlos, Maria Heloisa, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis e felizes dessa longa, difícil e gostosa caminhada, proporcionando-me conselhos, sustentação, força e amor.

Aos meus amigos mais leais, Maria das Dores, Mayra, Felipe, Viviane, que nunca me abandonaram e sempre fizeram dos momentos de crises, dificuldades e angústias, momentos de descontração e tranquilidade.

Ao meu prezado orientador Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima, por toda ajuda, paciência, compreensão, dedicação e amizade, que tornaram possível à conclusão deste trabalho, à realização de um sonho e o início de uma nova etapa em minha vida.

Ao CEAT – Centro de Estudos Agrários e do Trabalho/UEPB, sob a Coordenação do Professor Dr. Edvaldo Carlos de Lima. O CEAT é um grupo de estudos e pesquisas que tem como objetivo principal desvendar os processos de precarização social, econômico, cultural e político-ideológico que o capitalismo moderno impõe sobre a classe trabalhadora do campo e da cidade. Nossas pesquisas são dirigidas para os principais temas que envolvem direta e indiretamente a questão agrária brasileira, sem deixar de lado as especificidades do mundo do trabalho no campo e na cidade. São pesquisas e estudos que contemplam a dinâmica interna e externa dos movimentos sociais do campo e da cidade, assim como suas contribuições para a constituição e reivindicação dos seus direitos humanos.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho.